



OS BEBÊS REBORNS: ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

Cristina Guterres¹
Sandra Nunes Rosa²
Yasmin Glitz Mengue³
Valentina Piccoli Sartori⁴
Brenda Doll Pasche⁵
Jullya Canete Berti⁶

Instituição: Colégio Sagrado Coração de Jesus

Modalidade: Relato de Experiência

Eixo Temático: Ciências Humanas e suas Tecnologias.

1. Introdução:

Os bebês reborns são bonecas muito realistas, feitas para se parecer e até pesar como um bebê de verdade. No começo, eles eram criados como peças de arte e para colecionadores, mas com o tempo começaram a ser usados também para fins terapêuticos e viraram assunto de discussão social. Questiona-se, com frequência, quais são os limites entre a realidade e a ficção e de que modo essas fronteiras se articulam com a legislação vigente e com os processos de reconhecimento social. Novaes (2003) afirma que o ser humano é como uma máquina que reage a estímulos do ambiente, poderíamos entender o bebê reborn como um objeto que, mesmo sendo artificial, consegue despertar sentimentos reais nas pessoas.

Sendo assim, a análise sobre esse assunto demanda um olhar amplo, ou seja, envolve várias abordagens, das mais variadas áreas do conhecimento: a psicológica, a filosófica, a política, o direito, a sociologia, a cultural e a cibercultura.

¹ Professora de Filosofia do Colégio Sagrado Coração de Jesus: guterress3@gmail.com

² Professora de Sociologia do Colégio Sagrado Coração de Jesus: sandra.rosa@cscj-ijui.com.br

³ Estudante do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Sagrado Coração de Jesus: yasminglitz028@gmail.com

⁴ Estudante do 2º ano do Ensino Médio do Colégio Sagrado Coração de Jesus: piccoliv0@gmail.com

⁵ Estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Sagrado Coração de Jesus: brendadoll316@gmail.com

⁶ Estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Sagrado Coração de Jesus: jullyaberti@gmail.com



As ideias Aranhas (2020) irão subsidiar a reflexão deste texto e, assim, proporcionar um maior aprofundamento do tema na tentativa de entender melhor o que significa essa relação do humano adulto e sua dependência com os bebês reborn.

2. Procedimentos Metodológico:

Os procedimentos metodológicos adotados neste estudo caracterizam-se por uma pesquisa de cunho teórico-bibliográfico, a análise qualitativa é orientada pela perspectiva de Novaes (2003), que compreende o ser humano como uma máquina cujas respostas emocionais são suscetíveis a estímulos externos.

Além da obra *Homem Máquina*, de Novaes (2003) teremos como base os comentários teóricos presentes no material didático de Filosofia de Aranha (2020) que aborda temas em direitos, reconhecimento público, verdade factual, justiça, responsabilidade e tolerância.

O tema dessa pesquisa, nos permite perceber que o uso desses bebês não se limita apenas ao uso em terapia para saúde mental, mas também nos remete a reflexão em torno da exploração desse assunto nas redes sociais, assunto esse que tem gerando milhões de visualizações e engajamento. Destaca-se também a grande relevância econômica que esse fenômeno suscitou, já que existe um grande mercado que incentiva o consumo dessas bonecas. A “moda pegou” e uma parcela bem significativa da população atribui ao bebê/boneca a ideia de vida, ou seja, existem grupos que se encontram em parques, escolas e shopping com essas bonecas e as tratam como filhos e filhas reais. Existem escolas que atendem esses bebês, pediatras que tratam dessas bonecas, hospitais que simulam o parto das mães de bebês reborn e lojas com as mais variadas roupas e acessórios “necessários” aos bebês.

Em nosso estudo, aprofundamos o tema com leituras em artigos da internet e em vídeos de especialistas que analisaram esse fenômeno. Uma das fontes foi entrevistas com a psicanalista Cíntia Castro, (2025) que, junto a outros especialistas, explicaram as diferentes perspectivas em debate, como o lado terapêutico, cultural e científico do tema. Além disso, usamos dados do Ministério da Saúde, da Folha de S. Paulo e da CNN Brasil para sabermos sobre a procura e o uso dos bebês reborn no Brasil

O resultado deste estudo realizado em grupos, nas aulas de Filosofia e Sociologia, com a colaboração da psicóloga escolar, resultou na apresentação de um Seminário Temático entre os alunos do Ensino Médio. Com o objetivo de fazer uma análise filosófica, sociológica e psicológica sobre a questão dos bebês reborn, os alunos foram motivados a refletir sobre como este tema pode afetar ou não a saúde mental e emocional do ser humano, através do olhar da psicanálise que traz temas como: consciente e inconsciente, luto, loucura e esquizofrenia, além das nuances entre o real e o fictício sob a perspectiva da Alegoria da Caverna de Platão, a história das bonecas ao longo dos tempos e a influências das mídias digitais no processo de formação das concepções de realidade, verdade e ficção.

3. Resultados e Discussões:



Os estudos nos proporcionaram diferentes olhares sob um mesmo tema, destacaremos aqui quatro dimensões.

3.1 Dimensão filosófica e política

Aranha (2020) lembra que os direitos só existem quando são reconhecidos pela sociedade. Isso nos leva a perguntar se situações pessoais, como dar prioridade para mães de bebês reborn em filas, podem realmente ser consideradas direitos. A autora afirma ainda, que a justiça precisa dar mais atenção a quem tem necessidades reais, e não apenas desejos. A ideia de Novaes (2003), ajuda a entender que o apego às bonecas vem de reações automáticas do corpo, o que faz a gente questionar o que é “real” e o que é “artificial” no mundo de hoje.

A problemática dos bebês reborn precisa ser discutida, justamente porque nos leva a pensar sobre as interferências das ações humanas no campo da ética e do direito. As análises de vídeos da internet, postadas em diferentes redes sociais, apresentam relatos, fatos e situações em que pessoas reais, usando de um boneco, dizem-se pais e mães de verdade daquele bebê e exigem direitos universais previstos em lei, na nossa Constituição Federal como: educação, saúde, transporte, lazer. Situações como o caso de disputa de guarda de um bebê reborn, partilha de bens e pensão alimentícia, estão em jogo nas mesas dos advogados que mediante tal situação são confrontados a agir com postura judicial, de acordo com a lei pois os filhos reborn são, segundo os pais, legítimos. Surge então a questão: “Quem tem direito a ter direitos?”

3.2 Dimensão psicológica:

Segundo Castro (2025), ter um bebê reborn pode ser algo saudável quando a pessoa sabe que ele é simbólico, porque pode ajudar a lidar com perdas, infertilidade ou solidão. Por outro lado, pode ser ruim se a boneca substituir totalmente os vínculos reais, levando ao isolamento. De acordo com Novaes (2003), até coisas artificiais conseguem provocar sentimentos verdadeiros, então o vínculo com um reborn é válido, desde que não vire fuga da realidade.

3.3 Dimensão terapêutica e neurocientífica

De acordo com a neurociência, há estudos e relatos sobre as vantagens de adquirir bebês reborn, pois estes trazem benefícios aos pacientes com Alzheimer, Parkinson e transtornos emocionais, por meio da ativação de áreas cerebrais ligadas ao cuidado e à liberação de oxitocina, hormônio que produz emoções sociais como confiança, empatia e afeto. No Brasil, cerca de 20% das vendas de reborn são para uso terapêutico, especialmente em casas de repouso para idosos.

Para Novaes (2003), a liberação desse hormônio acontece, porque o corpo reage a estímulos físicos de forma natural, mesmo que eles venham de algo artificial. Essa ativação cerebral que entende o corpo como uma máquina cuja organização física determina a mente e suas emoções, revela o potencial terapêutico dos reborn enquanto “gatilhos” para respostas neuroquímicas positivas.



3.4 Dimensão da fronteira entre real e simbólico

A emoção que um bebê reborn desperta é verdadeira, mesmo sabendo que é uma boneca. A psicanálise chama isso de “verdade psíquica”, que é tão importante quanto a realidade física. O desafio social consiste em lidar com essas experiências sem perder de vista a justiça coletiva e o reconhecimento das necessidades concretas. Para Novaes (2003), não existe uma separação tão rígida entre o real e o simbólico, já que o corpo reage do mesmo jeito a ambos.

4. Conclusão:

Os bebês reborn são um fenômeno que misturam arte, terapia, afeto e discussão social. Eles mostram como os humanos conseguem dar significado e criar vínculos emocionais com objetos, e como isso pode ajudar na saúde mental. A ideia de Novaes (2003) ajuda a explicar por que objetos sem vida conseguem gerar emoções tão reais. Este trabalho não quer dar uma resposta final sobre se isso é certo ou errado, mas sim mostrar como o tema é complexo e pode ser visto sob diferentes perspectivas. Também aponta que, apesar de os bebês reborn suscitarem benefícios, é preciso cuidado para não confundir necessidades reais com desejos individuais na hora de pensar em leis e direitos. Entender o uso dos reborn “entre a ficção e a realidade” é também entender como a sociedade lida com emoções, direitos e significados no mundo de hoje.

5. Referências:

ARANHA, Maria. L. A. **Filosofia**. São Paulo. Ed. Santillana. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Dados sobre déficit de leitos neonatais (2023) e acompanhamento de gestantes**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023. https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Medscape_dra._Maria_Albertina_Junho.pdf. Acesso em 08 de junho de 2025.

CASTRO, Cíntia. **Entrevista sobre aspectos psicanalíticos e terapêuticos dos bebês reborn**. Jovem Pan, São Paulo, maio 2025. Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/maternidade-a-verdade-sobre-os-bebes-reborn-que-ninguem-conta.html>. Acesso em: 08 de junho de 2025.

CNN BRASIL. **Dados sobre aumento de buscas pelo termo “bebê reborn”**. São Paulo: CNN Brasil, 2024. <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/bebe-reborn-atinge-pico-de-buscas-no-ultimo-ano-veja-principais-pesquisas/> Acesso em 31 de maio de 2025.



FOLHA DE S. PAULO. **Levantamento sobre uso terapêutico dos bebês reborn no Brasil.** São Paulo: Folha de S. Paulo, 2025. <https://www.folhape.com.br/noticias/bebes-reborn-uso-terapeutico/408029/>. Acesso em 06 de junho de 2025.

NOVAES, Adauto. **A homem máquina: a ciência manipula o corpo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.